

NOVAS FAMÍLIAS – A MONOPARENTALIDADE E A ADOÇÃO

Monografia de Final de Curso 2003/2004

Liliana Fonte

Licenciada em Psicologia no Instituto Superior da Maia, Portugal

Email:

lilianafonte@iol.pt

RESUMO

Neste trabalho procuraremos fazer um estudo sobre as novas formas de família, mais especificamente as famílias monoparentais. Tentaremos identificar as suas formas de funcionamento e avaliar a sua eficácia no processo educativo das crianças. Iremos aprofundar também o aspecto da adoção por indivíduos singulares e tentar conhecer quais são as características destes adoptantes e verdadeiras motivações que os levam a tomar esta decisão. Tentar-se-á saber um pouco mais acerca desta temática, que até aqui tem sido pouco explorada.

Palavras-chave:

Novas Famílias; Monoparentalidade; Adoção; Eficácia Educativa.

INTRODUÇÃO

O ciclo de vida de uma família tradicional tem o seu início na união de duas pessoas que se escolhem para formar um casal e se comprometem numa relação que pretendem que se prolongue pelo tempo. Daqui surgem os filhos que se tornarão adolescentes e depois adultos e estes filhos darão corpo a novas famílias nucleares (Relvas,2000).

No entanto este ciclo verifica-se cada vez menos frequentemente nas famílias da nossa sociedade actual, visto muitas delas sofrerem processos de divórcio, serem famílias reconstituídas, famílias monoparentais, famílias de adoção. São chamadas as novas famílias, o que nos obriga a pensar em contextos familiares que mais não são do que variantes a esse ciclo vital que nos habituamos a estudar (Relvas e Alarcão,2002).

Estas famílias têm sido cada vez mais, alvo de estudo no campo da psicologia e da sociologia, constituindo um tema polémico e que nos faz questionar até que ponto estas são capazes de possibilitar

o bom processo educativo das crianças que delas fazem parte. Esta foi uma de um conjunto de questões a que tentei responder com este estudo.

OBJECTIVOS

Este trabalho teve como objectivo geral: analisar as novas famílias, suas formas de funcionamento e processos educativos que desenvolvem com as crianças; e teve como objectivos específicos: procurar estudar as famílias monoparentais como sendo famílias adoptivas e avaliar as motivações que as levam a querer adoptar, tentando avaliar também as repercussões que a condição de adoptante singular poderá trazer no desenvolvimento psíquico e emocional da criança.

APRESENTAÇÃO DA AMOSTRA

A amostra com a qual elaborei este trabalho constituiu-se por 4 famílias monoparentais, constituídas através de processos de adopção, todas da zona Norte do país, em que 3 delas a figura parental responsável é do sexo feminino e em apenas uma delas, esta figura é do sexo masculino.

PROCEDIMENTOS E MEDIDAS

Iniciou-se o trabalho com a selecção e estudo de uma amostra, constituída por famílias monoparentais (pais/crianças), recorrendo a instituições de acolhimento temporário de crianças em risco.

Aplicaram-se de seguida os questionários às famílias, com o intuito de caracterizar os adoptantes singulares e registar as suas motivações para a adopção - *Questionário de Caracterização de Adoptantes Singulares e Registo de Motivações para a Adopção* (Liliana Fonte, 2004); e um questionário ao serviço de adopções do Porto - *Questionário de Caracterização de Adoptantes Singulares* (Liliana Fonte, 2004).

Dada a inexistência de escalas já validadas, que permitissem medir o que me propus medir, houve a necessidade de conceber questionários específicos e adaptados à temática em questão, permitindo-nos apenas uma caracterização qualitativa, descritiva e restrita à amostra, tal como dos dados obtidos no estudo.

RESULTADOS

Com a realização deste trabalho e tentando dar resposta às questões que me propus averiguar no início do estudo, foi-me permitido chegar a alguns resultados que não poderão ser vistos, como já

mencionei, como conclusões definitivas, dado este ser apenas um estudo descritivo e qualitativo pelo número reduzido de elementos da amostra estudada. Poderá no entanto, ser visto como um referencial no ainda limitado leque de estudos realizados na área.

Desta forma e de uma forma global, constatou-se que as motivações que parecem estar na base do desejo de adopção pelos indivíduos singulares, estarão relacionadas com o desejo de maternidade e paternidade, advindo da impossibilidade de ter filhos ou de simplesmente estarem motivados para querer dar uma vida feliz a uma criança que não a tem.

São adoptantes que normalmente não colocam restrições específicas na escolha da criança, mostrando-se abertos a receberem crianças de risco e mais problemáticas, ao contrário do que normalmente acontece com os casais adoptantes.

Isto está relacionado com a maior motivação que possuem para a paternidade/maternidade, aliada a uma maior resistência e confiança em enfrentar as adversidades que vão surgindo (Sá e Cunha, 1996).

Observou-se também que nenhuma das crianças assume qualquer tipo de desajuste psicológico que possa ser fruto da falta do 2º elemento cuidador, pois a criança consegue colmatar a falta deste elemento através do relacionamento bastante próximo que estabelece com o elemento cuidador presente e com elementos da família alargada que se tornam significativos para ela.

Esta rede de apoio, mostrou-se eficaz e presente em todas as famílias, permitindo assim que as crianças se desenvolvam de forma saudável e que lhes seja facultado tudo aquilo que precisam para que isso aconteça. São no geral, crianças inteligentes e satisfatoriamente equilibradas, que vão mostrando progressos positivos no desenvolvimento físico, psicológico e emocional

Três destas crianças, já se encontram em idade escolar e todas revelam boas relações com os professores e colegas, não havendo registos de mau aproveitamento e de má integração na escola.

Todas as crianças têm-se mostrado bastante sociáveis e com gosto pela aprendizagem.

Constatou-se que não só a nível escolar, mas também perante toda a comunidade, as relações que se estabelecem são as melhores possíveis. Na sua maioria as crianças sentem-se aceites e bem integradas.

No caso de crianças com pai adoptivo, registam-se algumas dificuldades acrescidas, que poderão surgir do facto de se verificar ainda, segundo os adoptantes, um olhar inquiridor sobre eles por parte da comunidade e algumas atitudes discriminativas acerca do facto de a criança estar ao cuidado apenas do elemento do género masculino

Hoje, segundo alguns estudos relativamente a este tema, constata-se que um pai singular pode sê-lo de forma tão eficaz quanto uma mãe singular, assegurando-lhe tudo o que lhe é mais importante para o seu desenvolvimento, e de uma forma muitas vezes até mais empenhada e até mais presente do que se verificam em muitas mães.

Registou-se que os factores mais importantes para que a criança com apenas um elemento cuidador se desenvolva da melhor maneira, estão relacionados com a qualidade da componente

afectiva e do tempo que este investe na criança, e com a rede de apoio que ajuda o elemento cuidador presente a permitir à criança tudo aquilo que lhe é fundamental para um bom global.

Nenhuma das famílias, fez referência à existência de dificuldades muito relevantes, que fossem atribuídas à adopção. Todos os adoptantes desta amostra consideram que os problemas que os filhos biológicos e adoptivos apresentam durante o desenvolvimento são semelhantes.

Apenas se podem registar lacunas maiores, a nível emocional nas crianças adoptadas, pela vivência do abandono e institucionalização que viveram numa fase precoce da vida, mas que acaba por ser resolvida à medida que é dado à criança todo o afecto e carinho que lhe faltou até aqui.

As crianças mais velhas da amostra, têm conhecimento de que são adoptadas, o que não parece ter trazido problemas relevantes na relação entre adoptante e adoptado, até porque nestes casos a criança apercebe-se na maioria das vezes da decorrência do processo de adopção.

As restantes crianças, ainda não têm conhecimento da sua condição de adoptadas, mas os adoptantes mostram-se dispostos a revelá-lo na melhor altura, se assim a criança o desejar, o que segundo Alarcão (2002) é bastante benéfico, pois evita que a notícia seja dada por terceiros, e que assim seja posta em causa a boa relação entre adoptante e adoptado.

Podemos assim dizer, tal como afirmou Sá (2004) *“uma família onde só a mãe ou só o pai desempenham uma função educativa pode ser, e é-o em muitas circunstâncias, uma família melhor que muitas ditas tradicionais...”*(p.13- xis)

BIBLIOGRAFIA

Alarcão M.(2002). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra. Quarteto

Costa, E (1994).*Divórcio, Monoparentalidade e Recasamento*. Porto: Edições Asa.

C.R.S.S. Norte - Serviço de Adopções (2000).*Outros filhos, Os mesmos direitos*. Porto: Autor.

Diniz.J (1993). *Este meu filho que eu não tive. A adoção e os seus problemas*. Porto: Edições Afrontamento.

Relvas, A; Alarcão, M.(2002).*Novas Formas de Família*. Coimbra: Quarteto.

Relvas, A (2002).*O Ciclo Vital da Família* (2ªEd.).Porto: Afrontamento.

Sá, E; Cunha,M.J.(1996). *Abandono e Adopção. O nascimento da família*. Coimbra: Almedina.

Sá, E.2003 (Dez 27). A Família por dentro e por fora. Xis, 238 , 12, 13